

## O BULLYING: E SUA REPRODUÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR DO INDIVÍDUO<sup>1</sup>

*Isabelle da Silva Nogueira<sup>2</sup>*

*Sarah Kimberly P. de Jesus<sup>3</sup>*

*Omar Carrasco Delgado<sup>4</sup>*

### RESUMO

A partir de situações vivenciadas no cotidiano escolar, analisar como o Bullying se faz presente nas relações sociais no ambiente escolar. Assim, a pesquisa propõe-se a abordar questões a respeito da reprodução e os efeitos do Bullying no ambiente escolar; quais as medidas e práticas aplicadas pela escola para intervir em situações de Bullying; qual a causa e motivações que estimulam a ocorrência do Bullying; a postura adequada dos educadores diante do Bullying, e as influências e sequelas sofridas pelos que são vítimas de Bullying. Para tanto, utilizou-se de um levantamento bibliográfico qualitativo de pesquisas realizadas por autores que abordam a temática em estudo. Para assim, apresentar o Bullying no ambiente escolar, e identificar os prejuízos socioeducacionais e cognitivos decorrentes desta violência social, que por muitas vezes inicia-se na escola. Evidencia-se após análise, a necessidade de maior percepção e acompanhamento por parte dos educadores e familiares, durante a rotina das crianças e jovens, o que contribuiria para o reconhecimento de potenciais vítimas ou praticantes do Bullying.

**PALAVRAS-CHAVE:** Bullying. Reprodução - Bullying. Violência - Contexto escolar. Bullying e sociedade. Bullying - escolar.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado como requisito parcial para conclusão do curso de Licenciatura em pedagogia da Faculdade Multivix – Cariacica.

<sup>2</sup> Graduanda de licenciatura plena em pedagogia.

<sup>3</sup> Graduanda de licenciatura plena em pedagogia.

<sup>4</sup> Orientador do curso de pedagogia da Faculdade Multivix- Cariacica

## **ABSTRAC**

From the situations experienced in the daily life of the school, analyze how Bullying is present in social relationships and in school. The research proposes to address issues regarding reproduction and the effects of Bullying in school; what measures and practices are applied by the school to intervene in Bullying situations; what cause and motivations that simulate the occurrence of Bullying; the proper posture of educators in the face of Bullying, and the influences and sequels suffered by those who are victims of Bullying. For that, a qualitative bibliographical survey of research carried out by authors that approached the subject under study was used. To do so, to present Bullying in school, and to identify the social, educational and cognitive damages resulting from this social violence, which is often initiated in school. The analysis evidenced the need for greater awareness and monitoring of educators and family members, during young people, which contributes to the recognition of possible victims or bullying practitioners.

**KEYWORD:** Bullying. Reproduction – Bullying. Violence – Context school. Bullying and society. Bullying – School.

## **1 INTRODUÇÃO**

Atualmente Bullying praticado em ambiente escolar tem sido tema de pesquisas e notícias em todo o mundo. A situação vivenciada por crianças e adolescentes tem causado espanto a familiares e sociedade, chegando a práticas decorrentes de atos de violência psicológica e física podendo levar a assassinatos, como vistos em noticiários no mundo todo.

Tal assunto tem chamado a atenção não somente dos familiares mais das instituições educacionais e seus educadores, no sentido de promover ações para impedir a prática dessas ações nas escolas, e em alguns casos, fornecer acompanhamento ao aluno que já foi vítima de agressões causadas pelo Bullying.

Diante deste cenário, o presente artigo delimitou seu foco de interesse em, tratar do desenvolvimento dos alunos no ambiente escolar, e de como os educadores, podem modificar a situação atual e desmistificar o Bullying como uma “simples brincadeira de mau gosto”. Visamos a possibilidade de identificar as possíveis consequências da reprodução e a produção dessa agressão. E como simples ações tomadas pela escola, podem apresentar resultados significativos na sensibilização, controle e combate do Bullying.

Sendo assim, temos como objetivo expor o tema do Bullying na escola, e as sequelas deixadas nas vidas dos alunos que se tornam vítimas desta prática; identificando os fatores que favorecem essa prática; esclarecer o quão prejudicial ao desenvolvimento do aluno como indivíduo, social e afetivamente, e equiparar a prática no ambiente escolar ao que ela causa na vida dos alunos fora da escola. Também abordando questões como, até que ponto Bullying influencia no comportamento e aprendizagem da criança e do jovem?

Assim, para analisar de tal tema e suas considerações, foi utilizada a metodologia qualitativa enfatizando a pesquisa bibliográfica, expondo o pensamento e considerações de autores da área de educação, filosofia, psicologia e jurídica.

## **2. REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 CONTEXTO HISTÓRICO DO BULLYING**

O Bullying é um termo de origem inglesa utilizada para caracterizar situações de agressões intencionais e frequentes contra uma pessoa. O primeiro a denominar essa prática pelo termo “Bullying”, foi o pesquisador Dan Olweus, após analisar um grande número de ocorrências de suicídios entre jovens de países escandinavos, nos anos 70. Olweus foi pioneiro em divulgar estudos voltados para a compreensão da caracterização do Bullying nas assim conhecidas, “brincadeira de criança”. E a detectar os efeitos na vida dos jovens, supostamente apontados como predispostos ao suicídio. Olweus observou que a forma como os jovens se relacionavam uns com os outros, dizia muito

sobre eles como, o seu desenvolvimento, sua personalidade e ações future. Estando propenso refletir em seu desenvolvimento cognitive.

Em estudos por Silva (2010, p.46), com efeitos no Brasil, relata que:

A palavra Bullying ainda é pouco conhecida do grande público. De origem inglesa e sem tradução ainda no brasil, é utilizada para qualificar comportamentos violentos no âmbito escolar, tanto de meninos quanto de meninas. Dentre esses comportamentos podemos destacar agressões, os assédios e as ações desrespeitosas, todos realizados de maneira recorrente e intencional por parte dos agressores. É fundamental explicitar que as atitudes tomadas por um ou mais agressores contra um ou alguns estudantes, geralmente não apresentam motivações específicas ou justificáveis.

Portanto, o Bullying caracteriza as diversas agressões que uma vítima pode sofrer por um indivíduo ou um grupo; sendo uma violência intencional e repetitiva, onde o martírio de quem sofre é constante. Sendo mais visto entre as crianças e adolescentes.

Apresentado pelo IBGE em pesquisa no ano de 2012, que cerca de 30% dos estudantes brasileiros sofrem ou praticam o Bullying, o que faz com que um em cada cinco educandos faça algum tipo de violência contra os colegas, na faixa etária de treze e quinze anos, segundo pesquisa da autora Sátina Mello.

Consoante à Silva, o Bullying está presente no cotidiano social antes mesmo de a instituição escola ser reconhecida como tal, entretanto nunca foi um assunto difundido e pesquisado, no âmbito de interferência no desenvolvimento do indivíduo e de sua relação social durante e após sofrer agressões desse tipo. Assim observamos mais a frente às consequências dessa pratica e de como isso influi no individuo, enquanto parte de uma comunidade social.

As pesquisas científicas, como a feita por Olweus sobre Bullying só começaram a existir após graves acontecimentos, que chamou a atenção da população e de estudiosos; em ocorrências de suicídio e massacres tendo como causadores as vítimas de Bullying, na intenção de sanar seu sofrimento, ou vingar-se de quem causou esse mesmo sofrimento (às vezes pessoas que não têm culpa, apenas ocupam a mesma posição -aluno- que o agressor).

Com isso, vemos como a relação entre os adolescentes era banalizada e inocentada, onde ninguém via perigo, até que a proporção se agravou. No Brasil, temos vários relatos de jovens, por exemplo, os casos de cyberbullying no ano de 2013, das jovens de 16, 17

e 19 anos de Piauí, Rio Grande do Sul e Goiás respectivamente, onde duas se suicidaram e a terceira teve que modificar toda sua vida para voltar a viver em paz, relatado pela jornalista Graça Portela, citada na pesquisa da autora Sátina Mello; envolvidos nesta prática, seja as vítimas que retornaram na escola em que sofreram para se vingar de todo sofrimento; os agressores que fazem apenas por prazer, ou por ter contato direto com a violência em seu convívio social; além dos espectadores que não se manifestam por medo de serem as próximas vítimas, ou por achar que os que fazem isso são importantes, os “populares” da escola.

## 2.2 VIOLENCIA SIMBÓLICA, SEGUNDO BOURDIEU E PASSERON

O conceito de violência simbólica parte do princípio da desvalorização da cultura popular e engrandecimento de expressões e cultura de um grupo dominante, ou seja, mais poderoso nos vários âmbitos da vida como, por exemplo, politicamente e economicamente. Desta forma, as pessoas dominadas acabam perdendo sua identidade e aceitando seu estado de dominação.

Para os autores Bourdieu e Passeron, todo o poder de violência simbólica impõe significações como legítimas dissimulando as relações de força que lhe subjazem. Ou seja, é por meio das relações simbólicas que o ensino vem sendo trabalhado, pois a ação pedagógica precisa exercer um papel de autoridade, o qual é arbitrário e manipulador, já que as tendências educacionais também se modificam com o passar do tempo. Tal arbitrariedade é explicada por Stival & Fortunato (2015, p.12003) quando dizem que:

A arbitrariedade constitui-se na apresentação da cultura dominante como cultura geral. O “poder arbitrário” é baseado na divisão da sociedade em classes. A ação pedagógica tende à reprodução cultural e social simultaneamente.

A escola reproduz a divisão de classes existente na sociedade, seja por grau econômico, por raça, gênero, religião e outros aspectos considerados fatores de diferenciação pelos indivíduos. Pode-se dizer que a sociedade atual tem sido cada vez mais vazia de valores como, respeito, solidariedade e de se ver no outro como reflex, o que tem causado um aumento significativo nos casos de violência diversas, e em casos de Bullying, a predominância no ambiente escolar.

Esse aumento foi tão significativo que, fez as instituições jurídicas, começarem a se preocupar, atenuando o que já estava previsto nas leis, fazendo com que os agressores e a sociedade em geral, como Callhau (2011, p. 14) descreve, tenham ciência que:

Os atos de Bullying configuram atos ilícitos porque não estão autorizados pelo nosso ornamento jurídico. Pelo contrário, os atos de Bullying são proibidos por desrespeitarem princípios constitucionais (EX.: dignidade da pessoa humana) e o código Civil é claro ao determinar que todo ato ilícito que cause danos a outrem gera o dever de indenizar.

Destaca-se também que a violência simbólica ao enaltecer uma determinada cultura e classe, faz com que haja uma discriminação das diferenças independentemente de quais sejam. Maldonado (2011, p.33) ressalta essa discriminação quando diz que:

As práticas discriminatórias geradas pelos preconceitos e os mais diferentes tipos de condutas violentas estão presentes no cotidiano de todos nós e são reproduzidos por crianças e adolescentes no contexto escolar.

Essa ressalva de Maldonado deixa claro que independente de idade, classe social ou qualquer outro fator, a discriminação está presente nas vivências de todos os indivíduos sociais. Não são práticas que deveriam ser agregadas a vida em comunidade, entretanto vem sendo muito disseminada por “todos”, sem qualquer cuidado, ou mesmo preocupação com o outro.

### 2.3 O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR

No contexto escolar, o Bullying está constantemente presente, sendo um ciclo vicioso que sempre renova suas vítimas e agressores. Facilmente encontramos pessoas que participaram desse tipo de situação, no ambiente escolar, seja como vítima, agressor, ou espectador, fazendo com que o Bullying tenha uma proporção imensa principalmente, entre os alunos.

Nossa muitas vezes se tornam prisioneiros de sua tristeza e depressão, enxergando falta de consciência costuma fazer com que sejamos surdos e cegos em relação à dor vivenciada pela juventude e, com resultado disso, nossos jovens poucas possibilidades de mudança e nenhuma saída. (MIDDELTON-MOZ & ZAWADSKI, 2007).

As autoras relatam como a sociedade se porta perante os sofrimentos vivenciados pela juventude, isso também é refletido e reproduzido no ambiente escolar, onde os alunos, na maioria das vezes, não obtêm ajuda e apoio para enfrentar as agressões sofridas, fazendo com que, toda sua vida seja modificada por traumas causados pelos abusos frequentes.

O que também, reflete em seu desenvolvimento cognitivo e social, ao mudar de comportamento para aliviar a dor que sente e os motivos pelos quais é (supostamente) escolhido como vítima. Segundo Mello (2016), as vítimas evitam a escola ou o ambiente em que sofrem as agressões, a fim de prevenir novos ataques e, nem sempre, fomentam o sentimento de vingança. Ainda menciona que:

Em primeiro lugar, é importante reconhecer que episódios de Bullying ocorrem em todas as escolas, tanto as da rede pública quanto as particulares. É um problema complexo que se manifesta de diversos modos, em todas as faixas etárias. (MALDONADO, 2011)

Assim, pode-se observar que o Bullying não é um problema isolado de uma determinada escola, mais sim, uma realidade do cotidiano da sociedade que pode ser modificada com o empenho de todos. Hoje, o Bullying no ambiente escolar, não é vivido apenas pelos alunos, mas todos os integrantes desta comunidade, como professores, funcionários administrativos, funcionários de manutenção do ambiente (limpeza e manutenção dos utensílios) e do setor técnico-administrativo (diretor, pedagogos e coordenadores). Essa prática passou a atingir para além do contexto acadêmico, sendo um problema da sociedade, visto que:

A violência escolar refere-se a todos os comportamentos agressivos e antissociais, que variam de conflitos interpessoais até atos criminosos de grande relevância. Muitas destas situações dependem de fatores externos, onde as intervenções podem estar além da responsabilidade e da capacidade das instituições de ensino e de seus funcionários. (SOUZA & ALMEIDA, 2011).

Todos os indivíduos se espelham e são reflexos uns dos outros, assim suas ações cotidianas vão mostrar toda sua vivência e como é seu ambiente social. Grande parte dos alunos apenas reproduz aquilo que tem contato constantemente, visto que tal situação se torna normal a seus olhos, ou seja, o ambiente externo influencia suas ações deliberadamente. Segundo as autoras Ferreira & Tavares (2009), a agressividade pode

ser uma resposta do aluno á diversos fatores como, medo, repressão, timidez, etc. Nota-se que a escola é um ambiente de reprodução ativo seja das divisões de classes, aos estereótipos cultivados pela sociedade, o que causa os diversos conflitos presentes no contexto escolar. Bourdieu & Passeron (1975) descrevem essa reprodução, quando falam da violência simbólica produzida nesse ambiente, e quão prejudicial é, para o desenvolvimento do aluno, que torna suas ações um reflexo do futuro, espelhado em seu meio social e pensado de forma fria e calculista tudo que irá fazer para seu benefício e o que isso irá causar aos demais.

#### 2.4 O COMPORTAMENTO DO ALUNO NO CONTEXTO DO BULLYING

Frente ao Bullying, os alunos apresentam diversos comportamentos diferentes, pois cada ser é único e reage de forma diferente. Desta maneira, os relatos de acontecimentos como suicídio, chacinas e outras coisas feitas pela reação de vítimas dessa prática. Além disso, o agredido pode desenvolver diversas doenças físicas, psíquicas e distúrbios.

Essas doenças são descritas por Silva, são elas: sintomas psicossomáticos (podendo causar cefaleia, cansaço crônico, insônia, dificuldades de concentração, náuseas, diarreia, boca seca, palpitações, alergias, crise de asma, sudorese, tremores, sensação de "nó" na garganta, tonturas ou desmaios, calafrios, tensão muscular e formigamentos). A apresentação desses sintomas pode acontecer de forma isolada, ou não; transtorno do pânico; fobia escolar; fobia social (transtorno de ansiedade social – TAS); transtorno de ansiedade generalizada (TAG); depressão; anorexia e bulimia; transtorno obsessivo – compulsivo (TOC); transtorno do estresse pós-traumático (TEPT); e algumas outras que são raras entre as vítimas do Bullying, como esquizofrenia e suicídio e homicídio (esses dois últimos quadros citados não estão mais tão fora do padrão de ocorrências que envolvam o Bullying).

Observa-se que:

As principais manifestações são: perturbação ao ler uma mensagem de texto no celular; ansiedade ao usar o computador, ou evitar usá-lo, ao contrário do habitual; dificuldade de concentração nas aulas, precisa de muito mais tempo para fazer as tarefas da escola e avaliação desfavorável nas provas; pedir para faltar às aulas e começar a se queixar de sintomas físicos (dor de cabeça, enjoo, dor na barriga) para não ir à escola ou para sair mais cedo, intensificação desse mal-estar no ambiente escolar, pedindo ou até mesmo implorando aos pais para trocar de turma ou de escola; volta da escola com sinais de ter sido fisicamente agredido, com

roupas amassadas ou rasgadas, pertences quebrados ou roubados; pedir mais dinheiro para levar para a escola ou até mesmo pegá-lo às escondidas (provavelmente para submeter-se às chantagens do agressor ou para tentar aplacá-lo com agrados); mudanças de humor e comportamento mais agressivo, ficar irritadiço, arredio, angustiado ou deprimido; começar a se isolar, evitando o contato com os colegas; dificuldade para adormecer, acordar com pesadelos, perder o apetite ou, ao contrário, comer muito mais do que o habitual, por ansiedade. E, sobretudo, dar amostras de baixa autoestima. (MALDONADO, 2011, p.88)

Para Maldonado, o comportamento da vítima é completamente alterado pela situação que vive, de maneira a interferir em seu desempenho escolar e social, a partir do momento em que deixa de agir normalmente e passa a se isolar ou ter reações diversas que o torne "diferente" no meio social.

Já para Mello, as vítimas de Bullying são facilmente identificadas por algumas características como: a pouca sociabilidade, a insegurança, a passividade e o conformismo quanto à impossibilidade de adequação a algum grupo, além da baixa autoestima. O que podemos perceber facilmente no ambiente escolar atual, onde a reprodução das classes e dos grupos sociais é presente e que gera uma segregação enorme entre os alunos.

O suicídio vem sendo uma constante nos casos de Bullying no contexto escola, pois como dito por Middleton-Moz & Zawadski, os alunos estão tentando se matar a fim de sanar seu sofrimento, ou seja, simplesmente por não querer viver da forma que vive e na ideia de possibilidade de acabar com os problemas que acredita causar a todos que os rodeiam. Partindo dessa construção, a intervenção da escola deve se fazer presente e esclarecer para os alunos algumas coisas que pode diminuir essa prática no ambiente escolar e na sociedade, já que o mesmo tem tido proporções muito maiores que apenas dentro da escola.

## 2.5 A INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA NA CONSTRUÇÃO DO BULLYING

A escola é o mecanismo mais utilizado para disseminar uma cultura de massa, devido a quantidade de tempo que o indivíduo fica nesta instituição, e por se tratar de uma instituição frequentada pela grande maioria.

Para Marx ( apud COSTA,1997 ) a escola é um ambiente de reprodução da sociedade, onde segrega por classes, é estratificada e faz com que se tenha padrões e uma relação

de poder intensa e dominante; unindo essa separação a violência simbólica, as quais regem todo o funcionamento da escola, desde a relação de poder exercida pelo currículo proposto pelo sistema, passando pelo posicionamento do professor ao escolher sua didática e a forma como vai abordar os diferentes assuntos, até a maneira como os alunos vão interagir entre si e se portar socialmente. Segundo Costa (1997):

Marx, por sua vez, proclama a inexistência de tal igualdade natural e observa que o liberalismo vê os homens como átomos, como se estivessem livres das evidentes desigualdades estabelecidas pela sociedade.

As leis declaram uma igualdade a qual não existe na realidade da sociedade, isto é facilmente visto e vivenciado por todos os indivíduos. Com isso, o Bullying vem cada dia mais ganhando forças e modificando a vida dos alunos.

Para mudar este cenário de violência, atualmente vivenciado pelas escolas, procura-se apresentar algumas propostas de ensino comportamental, voltados para o entendimento do certo e errado, ou seja, desenvolver a consciência dos alunos para questões que se referem ao caráter e a ética do indivíduo. Assim como, mencionado por Middleton-Moz & Zawadski (2007):

A consciência e a empatia não crescem automaticamente como nossos corpos. São internalizadas pelas lições ensinadas pelos adultos envolvidos nos primeiros cuidados. O cuidador que diz à criança que ela não pode ganhar um brinquedo, e acaba por lhe dar após a criança chorar, fazer manha e espernear, ao mesmo tempo em que repreende por ser uma 'criança chata e egoísta', 'má' ou 'só criar problemas', ensina a ela lições que nunca pretendia.

O primeiro ponto para se conseguir modificar a realidade, é enxergar que algo está errado e pontuar o que está acontecendo de diferente. A família hoje, se posiciona de forma defensora, e esquece-se de investigar o que seus filhos estão fazendo, ou estão passando, não dão crédito as ocorrências e relatos feitos pela escola. Calhau (2011) já adverte quanto tal atitude, quando diz que:

É como se alguns desses pais quisessem 'privatizar' o problema. Eles alegam falta de tempo, atenção, novos valores dos jovens, o que puderem, para se eximir de sua responsabilidade como pais. Conhecemos bem esses tipos. Nunca vão às reuniões de pais, são os primeiros que reclamam quando a escola pretende fazer uma mudança para melhorar, adoram falar de direitos (e sempre esquecem de falar de deveres), alteram a voz na 'defesa' de seus filhos, ameaçam processar as pessoas por

qualquer motivo etc. Não procuram saber com quem o filho anda, e nem como está o comportamento deste na escola ou na rua.

Segundo Maldonado, todos nós temos personalidades diferentes, e que dependem de onde estamos e de qual papel ocupamos neste contexto, sendo mostrado prioritariamente um lado em um determinado momento e o outro lado em outras circunstâncias.

Desta forma, identifica-se que diversos fatores devem ser considerados na criação de ações contra o Bullying no ambiente escolar, refletindo na sociedade em geral. O primeiro passo segundo Silva (2010) é:

Para começar a virar o jogo, as escolas precisam, inicialmente, reconhecer a existência do Bullying (em suas diversas formas e tomar consciência dos prejuízos que ele pode trazer para o desenvolvimento socioeducacional e para a estruturação da personalidade de seus estudantes).

Visto que, o Bullying está presente em todas as escolas, independente de ser do sistema público ou privado, as crianças e adolescentes tem direitos previstos que os assegura deste e de outros tipos de violência. A constituição federal diz que todos têm responsabilidades com a criança e com o adolescente, como previsto no art. 227:

O Art. 227 da Constituição Federal diz que: “É dever da família, da sociedade e do Estado assegurar à criança e ao adolescente, com absoluta prioridade, o direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária, além de colocá-los a salvo de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão.

Então, ao reconhecer os deveres da sociedade, da família e do Estado, damos sequencia a posição em que a escola deve tomar perante as ações de Bullying. Abordando este assunto em escala crescente, identifica-se as ações que os professores devem fazer. De acordo com Calhau, o profissional deve estar atento as diversas situações de

constrangimento que o jovem sofre; intervindo de forma ponderada e não só cessando a humilhação, mas também demonstrando a vítima seu poder de autodefesa.

Ao fazer isso o professor faz com que seu aluno saiba reagir e se posicionar perante os bullies<sup>5</sup>, o que gera uma barreira entre o agressor e a vítima.

O bullying é uma forma de violência, entretanto, não deve ser tratado com violência, pois isso apenas acarretaria em mais agressões e não solucionaria o problema. Por tanto, a melhor forma de combater a essa prática é unindo família, poder público e escola, afim de trabalhar de forma progressiva e com resultados de médio e longo prazo. Assim como menciona Maldonado (2011):

Portanto, é preciso paciência e persistência para, no decorrer do tempo, perceber e valorizar os índices graduais de redução das ações de bullying. Não é fácil construir um padrão diferente de se relacionar com os outros, na base do respeito e da capacidade de conviver com a diversidade. Tampouco é fácil descobrir e consolidar outros meios saudáveis de brincar e de se divertir sem eleger outros como alvos.

Os programas anti-bullying são desenvolvidos por meio de palestras, projetos de intervenção, debates e, principalmente, de acompanhar os educandos de forma efetiva e atenta. Os autores apresentam a forma como a escola necessita enxergar o bullying:

Portanto, torna-se necessário que a escola passe a enxergar o problema do bullying como uma entidade separada e que trabalhe através de intervenções e projetos estimulando os talentos e valores dos agressores; a fim de mudar o foco do mesmo, passando-o de aluno problema para talento especial, como os demais. Isto seria uma nova forma de tratamento, fazendo que se sinta importante como as demais crianças (MALDONADO, 2011).

Identifica-se a necessidade de não apenas proteger as vítimas dessa prática, mas também entender o porquê o agressor age de tal forma, e como valorizar os talentos pode modificar as atitudes de todos e mostrar que todos são iguais dentro de suas diferenças. Aratany apud Souza & Almeida, diz que:

---

<sup>5</sup> Agressores, pessoas que praticam o Bullying com as outras.

Os responsáveis pela escola têm de saber como são formados os grupos de alunos, como funcionam estes grupos e quem são os líderes, visto que estes grupos surgem e se mantêm eminentemente dentro da escola. Portanto, a escola não pode ignorar o que se passa nas suas dependências, não pode se eximir da sua parte de responsabilidade, pois, o que acontece desde o portão da escola até o último muro do pátio faz parte do processo pedagógico de uma escola.

Assim como na sociedade, os grupos sociais estão presentes no ambiente escolar, sendo imprescindível um acompanhamento de como serão as atitudes de um grupo para o outro. A participação desses grupos no ambiente escolar pode ajudar ainda mais na construção do combate ao bullying, pois facilita a exibição das diferenças e de como isso não modifica o ser em si. Apenas o torna único no meio da multidão e semelhante aos que partilham dos mesmos sentimentos, vontades, características e hábitos.

A escola é um espaço de pluralidades, culturas diversas e aspectos que são semelhantes aos da sociedade em geral. Entretanto tem um papel diferente, que é o de ensinar a essas diferenças a estar no mesmo ambiente de forma respeitosa e que haja tolerância nas relações. Logo, os programas anti-bullying agregam valores éticos, de caráter e respeito mútuo; não ajuda apenas a vítima a se proteger e não é desenvolvido para defender o agressor, mas para ensinar aos mesmos como eles podem conviver sem provocar danos a vida de ninguém, ou seja, os programas vão dar noções de proteção, prevenção, mudança de hábitos, reciprocidade, segurança e de como as ações de um indivíduo, ou grupo pode interferir em toda a vida de uma outra pessoa.

Destaca-se então a importância de compreender o bullying e de como o mesmo influencia na vida de muitas pessoas. E os educadores, ao exercer a profissão, estão se comprometendo com o desenvolvimento dos alunos e deve estar atento a essas situações e preservar os mesmos, assim de proteger o processo pedagógico de cada um, junto à escola (instituição), família e poder público.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O estudo aqui apresentado buscou expor e identificar pontos a respeito da prática do Bullying como um problema social com ênfase no ambiente escolar.

Através dos estudos e pesquisas realizadas pelos autores citados, pode-se identificar considerações importantes quanto ao tema. Assim como, apesar de sua origem inglesa, o Bullying é um tema bastante conhecido entre jovens e adultos no Brasil. E cada vez mais vem ganhando espaço na mídia e nos ambientes acadêmicos, à medida que o número de vítimas desta violência vem crescendo a cada dia, com os relatos envolvendo em sua maioria crianças e jovens, grande parte em ambientes escolares.

Mediante a isso, ações de prevenção e intervenção vêm sendo tomadas pelos segmentos sociais, com objetivo de conscientizar quanto à caracterização do Bullying, que em vias legais considera-se configurar-se em atos ilícitos juridicamente. Por isso proibidos, por desrespeitarem princípios constitucionais da dignidade da pessoa humana previsto no código Civil.

Para tanto, o estudo observou que os agressores possuem um perfil além de violento, características emocionais e psicológicas, internalizadas. Muitas vezes desenvolvida no ambiente familiar e que futuramente, refletem em atos agressivos e egocêntricos nas relações sociais.

Em contra partida, notou-se que as vítimas do Bullying, em sua maioria são crianças retraídas que por motivos muitas vezes disseminados em convívio familiar ou até mesmo pela sociedade, divergem por um momento do “ideal social”, e acabam por ser tornar alvos das brincadeiras e gozações de colegas.

Assim, por se tratar de um ato de violência, o bullying acaba gerando reações em suas vítimas, muitas delas acometidas de transtornos como ansiedade, perturbações e dificuldades no processo de aprendizagem, introspectividade, sintomas físicos, (dor de cabeça, enjoo, dor na barriga), evitam ir para a escola, mudanças de humor e comportamento mais agressivo, ficar irritado, arreio, angustiado ou deprimido, baixa autoestima, entre outros.

Contudo é importante ressaltar que, o acompanhamento e a participação da família e da escola. A visão dos pais em transferir à responsabilidade a escola, por motivo de falta de tempo, e outros cuidados negligenciados pela família, não são mais sustentáveis.

Assim como por parte das escolas, a ausência de acompanhamento e sensibilidade para reconhecer a presença do Bullying entre os alunos. Atitudes essas, fundamentais

no compate ao Bullying e na conscientização entre os jonvens quanto á valores morais e éticos necessário para o indiviuduo em sociedade.

Por fim entendemos que os resultados obtidos permitiram alcançar os objetivos definidos para a presente pesquisa, e maior compreensão sobre o tema.

#### 4 REFERENCIAS

BOURDIEU, P; PASSERON, J. C. **A reprodução**. Elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

CALHAU, Lélío Braga. **Bullying: o que você precisa saber**: identificação, prevenção e repressão. 3ed. Niterói, RJ: Impetus, 2011.

MIDDELTON-MOZ, Jane; ZAWADSKI, Mary Lee. **Bullying: estratégias de sobrevivência para crianças e adultos**. Tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2007.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2010. 189p.

MALDONALDO, Maria Tereza. **Bullying e cyberbullying: o que fazemos com o que fazem conosco?** 1º ed. São Paulo: Moderna, 2011.

STIVAL, Maria Cristina Elias Esper; FORTUNATO, Sarita Aparecida de Oliveira. **Dominação e reprodução na escola: visão de Pierre Bourdieu**. 2015.

ROSENDO, Ana Paula. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. (Recensão de Jean-Claude Passeron e Pierre Bourdieu). Covilhã, 2009.

MELLO, Sátina Priscila Marcondes Pimenta. **Bullying e cyberbullying: a responsabilidade dos três poderes**. Faculdade Estácio de Vitoria. Vitoria, 2016.

SOUZA, Christiane Pantoja de; ALMEIDA, Léo César Parente de. **BULLYING EM AMBIENTE ESCOLAR**. Universidade federal do Pará. Pará, 2011.

COSTA, Cristina. **Sociologia: introdução à ciência da sociedade**. 2ed. São Paulo: Moderna, 1997.

FERREIRA, Juliana Martins. **Bullying no ambiente escola**. Revista da Católica. Uberlândia/ SP, 2009.